



A CRIANÇA, para os índios, é um ser sagrado, e assim é tratada

As crianças que ensinam a viver

No coração da selva, as nações indígenas dão uma grande lição, criando os filhos com amor, sabedoria e responsabilidade

Quinhentos anos sob um programa global de extermínio, e os curumins continuam mostrando o que é crescer de verdade. Não há hoje modelos de saúde mental, de pleno desenvolvimento emocional e inteligência integrada, de uma vida sem neuroses, psicopatias ou psicoses, senão em comunidades indígenas. Cinco séculos de genocídio metódico eliminaram quase 6 milhões de vidas no País, mas não conseguiram dizimá-los. Ao contrário, revelaram a força de suas culturas afetivas ante a brutalidade.

No oba-oba para comemorar o "descobrimento" de suas terras pelos europeus, os povos daqui rejeitam o convite e apontam o vazio da festa, a infelicidade dos próprios civilizados em seus trapos culturais e sua situação existencial. Sem megaeventos, eles vivem como sempre, recompondo-se e resgatando os

desnorteados. Talvez estejam criando gerações ainda mais sólidas para o futuro.

Tamanha resistência e capacidade para reerguer suas nações são características lógicas de gente que sabe construir gente. Os povos da terra ensinam com profunda sabedoria o que é ser pai e mãe. Nos grupos preservados pode-se ver como eles não chantageiam seus pequenos, não os subjugam, não cedem a suas birras nem se deixam enganar por suas manobras, não os enchem de culpa, não batem; permitem que experimentem o mundo dentro das possibilidades de cada fase do crescimento, suprem-nos de símbolos e significados para compreender a vida, dão asas às fantasias, dão colo e presença... Sabem cuidar da molecada oferecendo apoio, conforto e limites, com leveza, carinho e alegria. Tudo isso porque sabem respeitar, porque a criança é um ser sagrado,

que nasce sem pedir para nascer, que é fruto da vontade de outros e vai se tornando alguém capaz de fazer nascer.

País desta estirpe têm clara a sua responsabilidade humana: como quiseram que seus filhos nascessem, cuidam deles até o dia em que os filhos também sintam que querem viver, até que construam o seu próprio desejo. Aprendem de seus ancestrais que a arte de gerar pessoas está na fusão de impulsos primitivos com sentimentos, na sua transformação em capacidade de afeto. E sabem magistralmente fazer isso.

A mãe banha seu pequeno no rio todos os dias, à mesma hora, do mesmo jeito. Muitas vezes ele esperneia, fica uma fera porque não quer ir, mas ela o toma nos braços e vai cantarolando, conversando sobre o que vê no caminho, não pede nem manda, e sequer fala sobre o banho que vai lhe dar. O curumim sabe que é hora de receber este cui-

gado. E sabe que pode apreçoar o incômodo de ser interrompido na brincadeira ou o mau humor preguiçoso, enquanto é levado ao banho.

Nestas sociedades, os guerreiros mais bravos são capazes de se agachar para ouvir as crianças contarem suas descobertas, suas dúvidas, seus medos, e não para "ensiná-las" a ser corajosas e vencedoras. Ouvem com respeito, sem julgamentos e lições de moral. Solidariamente. Não porque elas sejam anjinhos - e não são. Na hora de comer, fazem beicinho também, e a mãe então oferece a comida 10 ou 20 vezes, sem ralar, sem aterrorizar nem fazer micagens prometendo um futuro de músculos e beleza. Apenas oferece, confiante de que seu pequeno perceberá sua determinação e aceitará ser alimentado, para viver.

Não há disputa, porque não há jogo ou confronto, e sim o exercício de funções - o adulto que cuida e o filho que aprende a sentir, enquanto recebe os cuidados. Não há quem mande e quem obedeça; há lugares com seu devido

valor reconhecido por toda a comunidade.

Se podem sentir, os pequenos não precisam sofrer com cul-

pas. O peso da culpa é o que contém os impulsos dos civilizados, mas os povos conectados à natureza não desenvolvem este sentimento. Ele traz consigo a sensação de ser mau por causa das maldades que todo mundo imagina. Os indiozinhos podem querer se matar à vontade, podem ter todas aquelas vontades proibidas sem se sentir podres e pecadores. Um singelo sentimento de vergonha basta para que nada disso saia da sua intimidade e se transforme em ato à espera de punição. Simplesmente vergonha, e nada que os faça se ver como estragados pelo mal.

Tal leveza deve ter causado profunda inveja aos colonizadores, que se viram de repente no sonhado paraíso terrestre. Pena que não se dispuseram a aprender. Puseram-se

a enfiar tudo o que podiam em suas nauseas trataram de impor aos cidadãos livres o temor.

Mas foi a cultura da liberdade que se mostrou mais forte. Resiste à sedução do consumo e conquista o respeito dos civilizados, até dos que aportaram aqui dispostos a queimá-los em sua incômoda felicidade "pecaminosa". As nações indígenas que mantiveram a integridade e agora ensinam segredos de vida foram aquelas que, antes de tudo, souberam transmitir a suas crianças o bom de viver seguindo os sentimentos e o afeto. Por ironia, os povos maltratados pela inveja dos conquistadores podem nos dar de presente hoje algumas luzes na trilha da re-humanização.

Os povos da terra não chantageiam seus pequenos, não os subjugam, não cedem a suas birras

Os guerreiros mais bravos são capazes de se agachar para ouvir as crianças contarem suas descobertas